

## ***Recensão de "A VIAGEM DO ELEFANTE", romance de José Saramago***

**Christopher Rollason, Ph.D - Metz, France - [rollason54@gmail.com](mailto:rollason54@gmail.com)**

Ofereço ao leitor, neste breve texto, algumas reflexões sobre a "Viagem do Elefante", obra de José Saramago publicada em 2008. Na altura da publicação, o autor dissera ao mundo que este seria o seu último romance. Facto é que, como sabemos, se seguiu, em 2009, uma nova obra de ficção, "Caim". Contudo, julgo que "A Viagem do Elefante" não deixa de exprimir um certo espírito de despedida à literatura, mesmo que cronologicamente não seja o último romance do autor.

No seu bom humor caloroso e genial, como na sua exploração alegre dos recursos da língua portuguesa, este livro dá a entender que Saramago se despede da literatura assim como acontece na obra shakespeariana "The Tempest" (também cronologicamente não a última peça de Shakespeare, mas aquela em que o autor faz a sua despedida do palco: "our revels now are ended" - *as nossas festividades já terminaram*). Tal como "The Tempest", "A Viagem do Elefante" é de facto uma comédia em que as ameaças nunca têm fruto nem ninguém morre por morrer.

Saramago reconta uma verdadeira história, o trajecto de um elefante indiano e dos seus acompanhantes por terra e por mar, planícies e montanhas, em todo o percurso de Lisboa até Viena. Foi em 1551 que o Rei D. João III de Portugal ofereceu um elefante indiano ao seu primo o Arquiduque Maximiliano da Austria, genro do Imperador Carlos V. Saramago volta assim ao género do romance histórico, no qual já escreveu tão memoravelmente a obra "Memorial do Convento". Aquele romance, retratando o século XVIII, focou o Portugal da Inquisição, embora não excluindo a dimensão mais europeia, como por exemplo na figura do compositor italiano Domenico Scarlatti. Este novo romance começa em Portugal mas estende-se através da Espanha e Itália até à meta final austríaca: assim é mais pan-europeia, mas também abrange, de uma forma quase sem precedentes em Saramago, um mundo mais extenso, o do Império. Os heróis gémeos do livro são, sem margem para dúvida, o elefante Salomão (Solimão) e o seu cornaca, Subhro (que mais tarde é, absurdamente, renomeado Fritz), um Indiano Bengali convertido ao cristianismo, chegados os dois a Portugal vindos de Goa. A figura digna e cheia de recursos de Subhro é a uma figura encarnando a essência da *gente do povo*, na linha de outras personagens saramaguianas – Blimunda em "Memorial do Convento", Lídia em "O Ano da Morte de Ricardo Reis", ou a mulher do médico no "Ensaio sobre a Cegueira". Através de Subhro, Saramago envolve-se também na cultura indiana como o nunca tinha feito anteriormente, num quadro que é o do Portugal inquisitorial, como, por exemplo, quando o cornaca conta a história de Ganesh, divindade hindu de cabeça de elefante.

Como em "Memorial do Convento", a religião católica é uma presença constante nas páginas desta história, tratando-se desta vez do período do Concílio de Trento (que decorre contemporaneamente com a narrativa), a Contra-Reforma e a contra-ofensiva ideológica contra o Protestantismo. A Inquisição ameaça - durante a viagem encontramos-nos com uma tentativa absurda de exorcismo e também com um falso milagre envolvendo o elefante. Mas aqui, contrastando com o fim trágico de "Memorial do Convento", ninguém cai na armadilha institucional, e o Subhro, mesmo sendo estrangeiro em terras católicas, chega ao seu destino são e salvo. Há, entretanto, alguma intertextualidade implícita com as interrogações que Saramago já fez, notoriamente, da ortodoxia bíblica em "O evangelho Segundo Jesus Cristo", e que agora torna a fazer em "Caim", como nas passagens em que reescreve as narrativas bíblicas de Lázaro e dos porcos gadarenos.

"A Viagem do Elefante" marca, assim, o reencontro de Saramago com o romance histórico – e com êxito. Notemos que, paralelamente e também em 2008, Salman Rushdie se aventurou no mesmo género, para falhar estrondosamente no seu desastroso "The Enchantress of Florence" ("A Feitiçeira de Florença"),

enquanto outro autor de prestígio, Amitav Ghosh, o praticou de forma magistral em "Sea of Poppies" ("Mar de Papoilas" – Editorial Presença). Igualmente, Saramago consegue, neste mesmo romance, uma excelente aproximação à arte da comédia, aliás, no meu entender, com maior acutilância do que noutras obras, como "O Homem Duplicado" com o seu humor negro. Aqui podemos observar certa continuidade com o anterior romance saramaguiano, "As Intermittências da Morte", cuja segunda parte, sem precedentes na obra do autor, logra combinar a fantasia gótica ao modo do alemão E.T.A. Hoffmann como uma alta comédia de cunho exuberante.

Se a intuição de Saramago nessa obra foi a de tratar a odisseia do elefante como também a (quase) última história na sua longa e prestigiosa linha de romances, então podemos receber este triunfo da narração empática como o equivalente, na obra deste português já laureado com o Nobel, à da "Tempestade" de Shakespeare, obra genial da última e mais madura fase do seu autor.